

Sobre o preço de produção sobre o paradoxo da desigualdade dos iguais

Reinaldo A. Carcanholo
Professor do Mestrado em Economia da UFES

Introdução

Três questões relevantes relacionadas com a transformação dos valores em preços de produção em Marx e mencionadas com frequência na literatura⁽¹⁾ serão tratadas aqui:

a) A taxa de lucro determinar-se-ia simultaneamente com os preços de produção, já que ela não pode ser determinada a nível de valor.

b) O valor-trabalho não é necessário para a determinação teórica dos preços de produção uma vez que o volume de trabalho contido nas mercadorias atenderia simplesmente à necessidade "de medir as quantidades físicas dos produtos"⁽²⁾.

c) As duas igualdades assinaladas como fundamentais por Marx (a do valor total igual ao preço de produção total e a da mais valia total igual ao lucro total), são teoricamente supérfluas, de maneira que, a impossibilidade formal de obtê-las, não implicaria problema em Marx.

Nestes comentários pretendemos mostrar que, estritamente dentro da teoria do valor de Marx e negando completamente qualquer concessão à leitura arbitrária ricardiana, chegaríamos às seguintes conclusões:

a) É falso que a taxa de lucro só possa ser obtida ou determinada simultaneamente com a determinação dos preços de produção. Na verdade a magnitude da taxa de lucro pode medir-se em valor e em preço de produção. Aquela está determinada previamente e esta é resultado da transformação. O fato de que o preço de produção de cada uma das mercadorias seja obtido simultaneamente com a magnitude da taxa de lucro medida em preços de produção é simplesmente óbvio, pois a transformação de valores em preços de produção consiste justamente em descobrir, por trás do valor de cada coisa, seu preço de produção.

b) É um equívoco pensar que se pode chegar aos preços de produção de Marx sem passar pelo valor.

c) A impossibilidade de obtenção simultânea das igualdades fundamentais referidas, sim é um grave problema. No entanto, por mais surpreendente que possa parecer, estamos em condições de mostrar que - sendo o lucro nada mais que a mais valia repartida de outra maneira - na transformação, a medida da magnitude do lucro total deverá aparecer diferente da medida da magnitude da mais valia total (só serão iguais quando a composição orgânica do capital que produz as mercadorias a serem compradas com o lucro for igual à média). Em outras palavras, sendo o lucro nada mais do que mais valia (pelo menos em termos de magnitude), teoricamente é obrigatório que apareçam como se tivessem grandezas diferentes. É o que chamamos de paradoxo da desigualdade dos iguais. Facilmente entenderemos esse paradoxo quando nos dermos conta de que, na transformação, a medida da mais valia se apresenta em valor e a do lucro em preço de produção; a dimensão medida em um caso é o valor e, no outro, o preço de produção.

A propósito de duas dimensões das mercadorias: valor e preço de produção (ou de como a ordem de 3 categorias altera a conclusão)

Na análise de Marx, e também na história do desenvolvimento da mercadoria, o valor aparece inicialmente como característica, propriedade ou atributo social da mesma. No capitalismo, ele continua sendo atributo social das mercadorias, mas chega a ser mais do que isso. Nessa etapa, o valor converte-se, além do mais, em realidade substantiva, em categoria autônoma ou independente⁽³⁾ e é por isso que ele se identifica plenamente com a riqueza capitalista. Normalmente esse aspecto tem sido esquecido por aqueles que interpretam o pensamento de Marx. Não por isso perde sua extrema relevância.

No que se refere ao ponto que queremos discutir aqui, interessa o valor simplesmente como proprie-

dade ou atributo social da mercadoria. Esse atributo possui uma dimensão quantitativa e como o valor é a forma da riqueza capitalista, essa magnitude é a grandeza dessa riqueza, consubstanciada na mercadoria. Desde um ponto de vista formal podemos dizer, então, que a magnitude do valor é uma grandeza que expressa uma medida da mercadoria. O número real correspondente à magnitude do valor é associado assim à mercadoria, através do conceito valor. Mas poderíamos inventar e atribuir outros conceitos à mercadoria (na verdade, outras dimensões) e associaríamos a ela outros numerais correspondentes (desde que essas dimensões tivessem magnitude)⁽⁴⁾. A variedade de conceitos (ou, no caso, dimensões) atribuíveis é formalmente ilimitado; no entanto só alguns teriam relevância teórica. Entre estes está o de preço de produção⁽⁵⁾. Assim, valor e preço de produção são duas diferentes dimensões das mercadorias, atribuídas de maneira não arbitrária na medida em que correspondem à sua natureza econômica.

Qual é a relação que existe entre essas duas dimensões da mercadoria, entre valor e preço de produção? Napoleoni atribui equivocadamente a Marx uma determinada concepção sobre esse aspecto:

"A posição de Marx é, portanto, a seguinte: quando o produto é mercadoria, ele é um valor; o valor tem como sua forma fenomênica necessária, o valor-de-troca; o valor-de-troca transforma-se em preço de produção por efeito da concorrência" (NAPOLEONI, 1977, p. 87).

Provavelmente essa interpretação provém de uma equivocada compreensão da estrutura d'O Capital, que é, no que nos interessa e na verdade, a seguinte:

a) Marx parte do valor-de-troca, como realidade observável, tal como aparece na superfície dos fenômenos. Não se trata propriamente do conceito valor-de-troca, pois este ainda não é compreensível.

b) Descobre o valor e sua magnitude; explicita sua natureza.

c) Feito isso, regressa à análise do valor-de-troca, isto é, da manifestação fenomênica do valor, com o objetivo de explicar a gênese e o desenvolvimento do valor e da mercadoria e de descobrir a natureza do dinheiro e do preço (trata-se do preço de mercado, isto é, de um valor-de-troca particular -

ou melhor, de um valor relativo particular - onde o equivalente é o dinheiro)

d) Só depois de muitas mediações, chega ao estudo da natureza do preço de produção e à determinação de sua magnitude.

Assim, pareceria perfeitamente lógico entender que para Marx a seqüência teórica seria: valor - valor-de-troca ou preço de mercado - preço de produção, onde este seria resultado da "transformação".

No entanto, tal concepção é enganosa. Basta dizer que, quando Marx passa do valor ao valor-de-troca (secção 3ª do cap. I do livro I), não o faz preocupado com a determinação quantitativa do preço de mercado. Tanto é assim que, nesse nível de análise, ele é obrigado por seu método, a igualar produção e apropriação, isto é, considera que os preços de mercado correspondem diretamente às magnitudes dos valores. Sua preocupação ao estudar o valor-de-troca imediatamente depois de descoberto o valor é exclusivamente qualitativa: a natureza do dinheiro e do preço e a dialética do desenvolvimento da mercadoria.

A seqüência teórica correta é a seguinte: magnitude do valor - magnitude do preço de produção - magnitude do preço relativo.

Para aqueles que confundem a teoria do valor de Marx com uma teoria da determinação da magnitude dos preços de mercado ou, pelo menos, que relegam a um segundo plano a problemática da natureza das categorias (por terem uma visão ahistórica das mesmas e, portanto, por considerá-las como naturalmente dadas), é muito fácil enganarem-se quando enfrentados à estrutura d'O Capital.

Por outro lado, entender-se o preço de produção como resultado de uma transformação da forma fenomênica valor-de-troca, constitui um contrasenso metodológico. Marx é muito claro no Cap. III do L.3 d'O Capital: trata-se de, partindo das categorias essenciais (entre elas o valor) aproximar-se progressivamente das formas concretas que se observam na superfície da sociedade capitalista (entre elas o valor-de-troca, o preço de mercado), através de mediações teóricas (uma delas é o preço de produção).⁽⁶⁾

Então, o preço de produção não é um valor-de-troca transformado, mas uma das mediações entre o valor e o preço de mercado (valor-de-troca). Disso não pode haver a menor dúvida.

Entendamos agora em que sentido o preço de produção é uma mediação teórica entre o valor e o preço de mercado.

Supondo, como faz Marx, no livro 1 d'O Capital, que os preços de mercado correspondem aos valores, todos os capitais individuais (em todos os setores) apropriar-se-fam (sob a forma de lucro) de magnitude de mais valia igual a que produziram. Isso significa supor que a produção é idêntica a apropriação.

No entanto, isso está longe de acontecer na realidade capitalista. Os preços de mercado são tais que não garantem a igualdade produção/apropriação. Ao contrário, muitas determinações, necessárias ou circunstanciais, os obrigam a uma não correspondência com os valores. As circunstâncias não podem ser objeto de uma teoria científica geral, mas sim as determinações necessárias, que são umas poucas. Entre estas está o fato de que os capitais exigem participar da mais valia, na proporção do capital total, enquanto a produzem em proporção ao capital variável. Essa é a determinação necessária que produz o conceito teórico de preço de produção.

Assim, o preço de produção da mercadoria de um setor expressa a magnitude do valor apropriável pelo mesmo, na circulação, em condições de uniformidade das taxas de lucro⁽⁷⁾. Então, a magnitude do valor expressa o volume de riqueza capitalista produzida por um determinado capital; a magnitude do preço de produção expressa o volume apropriável naquelas condições. Para o total da produção do sistema (por exemplo anual) valor e preço de produção são iguais em magnitude e mais, identificam-se em conceito (pois, nesse caso, produção é igual a apropriação). Por isso, devem necessariamente possuir a mesma unidade de medida. Napoleoni, movido por sua equivocada interpretação de Marx, chega a seguinte conclusão:

"Porém, se os preços (parece referir-se aos preços de produção, RC) derivam dos valores mediante uma operação algébrica, não existe nenhuma mediação real entre uns e outros. A operação que Marx realiza no terceiro livro d'O Capital é estritamente ricardiana e não pode deixar de chegar ao mesmo resultado. Se por transformação se deve entender mediação, como pretendia Marx, então a transformação nem foi por ele abordada" (NAPOLEONI, 1977, p. 98 a 99).

Digamos inicialmente que, entendidas as coisas como Napoleoni (valor - valor-de-troca - preço de produção), existe um abismo inexplicável entre valor e valor-de-troca; aquele só pode ser entendido como metafísico, em oposição a este, o empírico. Criado o abismo inexplicável, só faltaria criticar Marx por sua incapacidade de entendê-lo. Por outro lado, é por isso que Napoleoni, enfrentado ao fato de que não necessita da magnitude dos valores para chegar ao que considera preços de produção (assunto que discutiremos posteriormente), abandona o valor como explicação do preço e do lucro.

Vejam os outro aspecto da conclusão de Napoleoni. É verdade que, entre valor e preço, existem muitas mediações; isso também é verdade na relação entre valor e preço de produção. Marx dedica todo o livro 1 e também o livro 2 d'O Capital para descobrir e explicar essas mediações. Além disso, decisivos para compreender o assunto, são os capítulos primeiro e segundo do livro 3, onde se discute a relação entre a essência e a aparência e a mistificação paulatina da origem da mais valia. Dizer que Marx limita-se a um exercício algébrico para do valor chegar ao preço de produção é, no mínimo, temerário.

Não obstante, não existe outra forma de comparar duas magnitudes quaisquer, quando referidas à mesma unidade, diferente da álgebra; se conhecidas, através da aritmética: entre 120 e 100 a diferença é 20 e a soma 220. Outra coisa é explicar a causa de tal diferença; para isso é necessário teoria. Não é o que falta em Marx.

Quando Napoleoni refere-se à mediação entre valor e preço de produção, parece pensar em algo místico; quando fala em mediações reais, parece referir-se a algo incompreensível à mente humana. Na verdade as mediações entre valor e preço de produção não constituem um abismo situado entre essas duas realidades; reconstruir sua relação exige apenas passos lógicos, dados sistematicamente, que concluem com um esquema algébrico que das magnitudes em valor alcançam-se as magnitudes em preços de produção.

Finalmente, façamos referência ao problema da unidade de medida do valor e do preço de produção. Como dissemos anteriormente ambos conceitos possuem necessariamente a mesma medida: tempo de trabalho.

É verdade que o valor (também, portanto, o

preço de produção) e sua magnitude têm como expressão fenomênica, como manifestação, a forma preço, isto é, o valor relativo quando o equivalente é o dinheiro. Assim, alguns autores sustentam que este serve de unidade de medida do valor e que o tempo de trabalho não cumpre nenhum papel. Mas enganam-se. Uma coisa é a magnitude do valor e outra sua manifestação concreta (o preço). Entre a magnitude do valor e sua manifestação, o preço, existe uma inadequação quantitativa necessária, de maneira que os preços não correspondem diretamente às magnitudes dos valores, isto é, a proporção quantitativa (observável no mercado) entre uma determinada mercadoria e o dinheiro não corresponde à proporção inversa entre as respectivas quantidades de trabalho socialmente necessário.

Em certo sentido, o dinheiro pode ser visto como medida do valor, mas simplesmente porque é sua única manifestação direta. É a única medida que pode ser percebida pelos agentes econômicos, mas é uma medida inadequada. A verdadeira medida é o tempo de trabalho, pois a magnitude do valor está determinada pela quantidade de trabalho socialmente necessário. O próprio Marx diz isso de maneira algo diferente:

“O dinheiro, como medida do valor, é a forma necessária de manifestar-se a medida imanente do valor das mercadorias, o tempo de trabalho” (MARX, 1867, cap. 2, p. 106).

Sendo, então, o tempo de trabalho a medida imanente do valor, o preço de produção, que não é um valor relativo ou preço, mas um valor transformado, terá como unidade de medida de sua magnitude a hora de trabalho.

O problema da determinação simultânea da taxa de lucro e dos preços de produção (ou de como o feitiço virou contra o feiticeiro)

Benetti apresenta a questão de maneira muito simples. A taxa de lucro, na sua opinião, é uma razão entre preços e isso explicar-se-ia porque o lucro está constituído, na realidade, por um conjunto de bens avaliados através de preços e porque o capital total também está avaliado em preços. Por outro lado, os preços, para serem determinados, necessitam da taxa de lucro; não podem ser conhecidos antes. A conclusão é óbvia, não há outra saída: “preços e taxa de lucros determinar-se-iam simultaneamente” (BENETTI, 1975, p. 186 e 187).

Assim, Benetti não tem a menor dúvida: Marx está errado: “é incorreto defini-la (a taxa de lucro, RC) (...) como proporção entre valores” (BENETTI, 1975, p. 186).

Quando esse autor fala de preço, evidentemente refere-se ao preço de produção, pois está tratando justamente da “correção” do esquema de transformação de Marx.

Uma primeira observação: a escolha de uma das duas “maneiras” de medir a taxa de lucro como correta, a do preço (de produção), não fica suficientemente justificada no discurso do autor (). Seria porque a medida em preços está mais próxima da realidade empírica, da forma observável na superfície de fenômenos? Assim, estaríamos escolhendo a observação empírica e imediata como o critério da verdade e, qualquer outra coisa diferente, não teríamos dúvida: jogaríamos na lata de lixo da metafísica.

O critério da realidade empírica como meio de validar a opção pela taxa de lucro medida em preços (de produção), não é fora de propósito no caso de um pensamento não-marxista ou paramarxista. O conceito de “preço de produção” supõe a existência de uma taxa de lucro igual em todos os setores, o que implica certo grau de consciência dos agentes econômicos sobre ela e, daí, para alguns, a possibilidade de defini-la como categoria mais ou menos próxima da aparência. Por outro lado, por mais que aceita a abstração valor pelo pensamento paramarxista, não deixa de ser algo incômodo percorrer seus caminhos; a primeira oportunidade de saltar a níveis mais concretos de análise não deve ser perdida e o valor pode, então, perfeitamente ser deixado, abandonado como explicação transcendente. No entanto, no caso de Benetti, talvez não fosse justo atribuir-lhe tal justificativa. Napoleoni apresenta o assunto de maneira similar:

“Se as mercadorias que constituem os elementos do capital não podem ser consideradas em termos de valor (na transformação “completa” dos valores em preços de produção, RC), mas devem sê-lo em termos de preço, deixa de se poder calcular a taxa de lucro como relação entre o valor do sobreproduto e o valor do capital, precisamente porque estes valores fazem parte daquilo que deve ser transformado” (NAPOLEONI, 1977, p. 91).

Colocado o assunto nesses termos, não passa de algo óbvio. O que queremos é obter os preços de

produção a partir dos valores, ou seja, a transformação consiste justamente em descobrir, por trás do valor de cada coisa, o seu preço de produção. Descobrimos este, descobriremos ao mesmo tempo a magnitude da taxa de lucro medida em preço de produção. Mas vejamos a conclusão de Napoleoni:

“A conclusão é, portanto, a seguinte: a sucessão lógica que caracteriza o método de Marx (valor - taxa de lucro - preço) deixa de poder ser mantida, já não se podendo determinar a taxa de lucro antes de ter determinado os preços, uma vez que a taxa de lucro é uma relação entre grandezas determináveis com base nos preços; portanto, é impossível calcular a taxa de lucro antes dos preços, embora por outro lado, também não seja possível fazer o contrário, isto é, calcular primeiro os preços e depois, com base neles, a taxa de lucro, desde o momento em que os preços incluem a taxa de lucro, e não podem assim, ser conhecidos sem ela” ().

Não existe a menor dúvida de que, quando estivermos trabalhando com os preços de produção, interesse teremos em conhecer a taxa de lucro medida através dos preços de produção. Mas, a partir daí, o que faremos com a taxa de lucro medida em valor? Para o autor, parece que ela deixa de ter sentido, ela já não existe ou nunca existiu. Se Marx a calculou teria sido um mero erro.

A posição de Napoleoni e de Benetti, nesse aspecto, é a mesma. Não existindo uma melhor explicação de suas conclusões, só poderíamos atribuí-las a uma possível ingênua concepção da unidimensionalidade das coisas. Além disso, tratar-se-ia, neste caso de um contra-senso pois, se pensam o problema da transformação, admitiriam, ao menos com ponto de partida, a existência de pelo menos duas dimensões nas mercadorias: o valor e o preço de produção. Se essas duas dimensões existem nas mercadorias, por que não posso calcular a taxa de lucro em cada uma delas? Verdadeiramente, não se entenderia.

Existiria sim o problema se, para Marx, dada a taxa de mais valia, variações na taxa média de lucro determinassem alterações nos “preços relativos” (entre aspas pois, para ele, preço de produção não é preço relativo). Mas isso não acontece. O que poderíamos concluir de sua teoria é que, dada a taxa de mais valia e a estrutura da produção, o que alteraria a estrutura de preços relativos é o critério de distribuição dos lucros entre os diferentes

setores, e não as supostas variações da magnitude da taxa média de lucro.

Assim, supondo-se que os lucros repartem-se entre os capitais de acordo com a magnitude da mais valia produzida por eles, os preços de mercado corresponderão às grandezas dos valores. Se os lucros repartirem-se em proporção a magnitude do capital total, medida em preços de produção, os preços de mercado corresponderão aos preços de produção; nesse caso a taxa de lucro (medida em preços de produção) de cada um dos capitais seria igual à taxa de lucro média (medida na mesma dimensão).

Admitindo-se um critério diferente qualquer, compatível com a oligopolização da economia (por exemplo, a existência de três níveis diferentes de taxa de lucro, uma para cada grau de “poder de monopólio”), chegaríamos a preços de mercado que corresponderiam ao que poderíamos chamar de “preço de monopólio” (com dimensão teórica, até certo ponto análoga, ao preço de produção).

Em conclusão, Marx não necessita conhecer a magnitude da taxa de lucro para, do valor, chegar ao preço de produção. Dada a estrutura em valor, o que já implica dadas a estrutura produtiva e a taxa de mais valia, os preços de produção resultam imediatamente do critério de distribuição dos lucros em proporção ao tamanho do capital total.

Voltemos à questão da não unidimensionalidade das mercadorias e, para simplificar, fiquemos somente na bidimensionalidade: valor e preço de produção. Existirá então, para Marx, duas medidas diferentes da taxa média de lucro? Exatamente e, mais que isso, existem medidas diferentes da própria massa de lucro total. A magnitude do lucro total medida em preços de produção difere da medida em valor e é justamente isso que permite entender o aparente contra-senso de que, sendo o lucro total igual a mais valia, suas medidas são diferentes.

É indispensável destacar, neste instante que, para Marx, a mediação quantitativa e teórica entre as duas dimensões das mercadorias (valor e preço de produção) nunca esteve situada na identidade entre as taxas de lucro (em preço de produção e em valor) como alguns autores supõem(), mas nas duas identidades fundamentais (valor total e preço de produção total, por um lado e, por outro, mais valia total e lucro total). Estas são as mediações quantitativas necessárias e, na verdade são mais exigentes

que a simples identidade quantitativa entre as taxas de lucro.

Existindo então mais de uma medida da taxa de lucro, para Marx, como entender a relação teórica entre elas se, em termos de conteúdo, elas expressam a mesma realidade? A resposta a essa pergunta pode ser encontrada na visão dialética da relação entre a essência e aparência, ou melhor ainda, na que existe entre os diferentes níveis de abstração. Como assinala Marx no capítulo I do livro 3, as categorias da essência vão sofrendo um processo progressivo de transfiguração, até chegarem às formas aparentiais, fenomênicas, tais como as podemos observar na realidade. A grandeza de tais categorias, quando a possuem, sofrem o mesmo processo de transfiguração, contribuindo assim à dissimulação das reais relações capitalistas de produção.

Existindo mais de uma medida da taxa de lucro, uma baseada no valor e outra no preço de produção, qual delas é a correta, a verdadeira? Na verdade ambas são verdadeiras, só que a diferentes níveis de abstração. Poderíamos ser tentados a escolher, ao contrário dos autores mencionados, a medida que se baseia no valor como sendo a correta, pois responde ao nível da essência. No entanto, a aparência é tão real quanto a essência e não, como se poderia pensar, o ponto de vista equivocado de um observador ingênuo.

Duas observações finais são interessantes.

A primeira é que a uniformidade nas taxas de lucro resultante da transformação, na verdade não se mantém quando, depois de transformadas, medem-se a partir dos valores ().

A segunda é que, para cada critério de distribuição dos lucros entre os capitais, encontraremos uma medida diferente para a taxa média de lucro. Isso ocorre em razão de que, para cada critério teremos um sistema de preços relativos diferentes, alterando-se assim a medida da composição orgânica dos setores (e a relação entre as mesmas) e a própria medida da magnitude do lucro total.

Portanto, a taxa média de lucro medida através dos preços de produção não é tampouco a que se observa empiricamente através dos preços de mercado. Existirá uma medida diferente para a taxa de lucro em preços de mercado. No entanto, essa questão não coloca nenhum problema teórico; não se trata de uma dificuldade da teoria. A realidade é

necessariamente assim e àquela não cabe senão expressá-la.

A teoria de Marx tem então a vantagem de mostrar aos neo-ricardianos que sua taxa de lucro, derivada do modelo de determinação tecnológica dos preços relativos de equilíbrio (ou de reprodução se quiserem), não é a mesma coisa (não tem a mesma medida) que a média resultante das taxas de lucro reais que se obteriam com quaisquer preços observados no mercado, que não fossem os de equilíbrio. Com isso, concluiríamos que, abandonada a idéia dialética de Marx de que as magnitudes econômicas apresentam uma metamorfose transfiguradora, quando da passagem de um nível de abstração à outro, a taxa média de lucro neo-ricardiana não passa de uma idéia metafísica. E o feitiço virou contra o feiticeiro.

Sobre a afirmação de que o valor não é necessário para a determinar os preços de produção (ou de como o preço de produção pudesse acreditar tanto em ser preço, que negasse sua natureza de valor)

Como resultado das “correções” de Bortkiewicz ao esquema de transformação de Marx e da ampliação do número de setores de 3 para n , acredita-se chegar a uma conclusão definitiva: podemos determinar a magnitude dos preços de produção sem necessidade de partir da magnitude dos valores. Isso ocorreria porque, na transformação, o valor só jogaria o papel de dimensão homogeneizadora de conjuntos heterogêneos de mercadorias. Ampliado o número de setores de 3 para n e o número de insumos para m , de tal forma que esses n conjuntos de bens fossem homogêneos, qualquer dimensão empírica poderia servir para determinar a grandeza desses conjuntos: seus pesos, longitudes, volumes, etc., de acordo com a natureza de cada tipo de bens (). Chegaríamos assim, aos preços de produção (na verdade, preços relativos de equilíbrio ou de reprodução, segundo o critério de distribuição dos lucros pela igualdade de sua taxa em todos os setores), a partir de simples determinações técnicas, isto é, proporções físicas de fatores multiplicadas pelos seus respectivos preços de produção (que são incógnitas).

Nada a objetar. Os “preços de produção” neo-ricardianos são obtidos sem nenhuma referência ao conceito marxista de valor.

Ocorreu, no entanto, a esses autores perguntarem se o que chamam de preço de produção é o

mesmo que foi pensado por Marx? Trata-se na verdade de coisas absolutamente diferentes, com dimensões teóricas incompatíveis.

Para Marx, como vimos, o preço de produção não é mais que um valor modificado, ou melhor, a magnitude do valor apropriável por cada capital ou por cada setor de produção, se certo critério de distribuição da mais valia entre os capitais, ocorrer: a uniformidade da taxa de lucro. A grandeza do valor indica a magnitude da riqueza capitalista produzida em cada setor; a grandeza do preço de produção mostra a quantidade apropriável, atendido o critério anterior. É por isso que podemos comparar a magnitude do valor com a do preço de produção: este pode ser igual, maior ou menor que aquele.

Os "preços de produção" neo-ricardianos nada têm a ver com isso. Trata-se de preços que permitem a uniformidade da taxa de lucro⁽⁸⁾ e a reprodução do sistema; são na verdade, preços relativos e sua unidade de medida só pode ser a quantidade de um dos bens do sistema ou de um conjunto deles. Na linguagem marxista, são valores-de-troca nos quais o equivalente é um simples padrão de medida formal. Por isso, não tem sentido comparar esses preços relativos com a grandeza do valor; eles têm dimensões diferentes.

Coloquemo-nos um pouco na pele do preço de produção, tal como Marx o concebeu. O autor teria cometido a infelicidade de chamá-lo preço de produção. Na verdade, trata-se de um valor transformado; um valor que representa a riqueza apropriada pelo produtor de cada mercadoria, na venda, em condições de existência de taxa de lucro uniforme, isto é, em condições de equilíbrio dado o não monopólio. A infelicidade consistiria em não pensar que seus críticos, frente ao conceito de preço de produção, fixar-se-iam menos no seu real conteúdo, que na palavra preço.

Assim, o desditoso valor social de reprodução (nome talvez mais adequado para o preço de produção) foi confundido com um simples e vulgar preço. Sua "divindade" abstrata foi identificada com sua trivial manifestação aparente. Pior ainda, seu profundo e misterioso conteúdo social e histórico, foi transformado em mera determinação técnico-natural.

É óbvio que o problema não teria sido resolvido, nem se resolveria, com uma simples mudança de nomes e o certo é que Marx não cometeu nenhum

pecado ao chamá-lo preço de produção. Houvesse chamado valor (valor transformado, valor apropriado de equilíbrio, valor social de reprodução, ou qualquer outro), nem por isso estaria assegurada a sua não identificação com o preço. É só na teoria marxista, onde valor e preço diferem radicalmente nas demais, a teoria do valor é imediatamente uma teoria dos preços. Só em Marx trata-se de uma teoria da riqueza capitalista e só indireta e mediatamente uma teoria dos preços. Não é fácil para aqueles que se formaram dentro da tradição acadêmica, abandonarem o pecado original e descobrirem verdadeiramente a diferença entre valor e preço.

Mas voltemos à nossa questão. Entendido o preço de produção, não como preço relativo, mas como valor transformado, é possível chegar a ele sem passar necessariamente pelo conceito de valor? Evidentemente que não.

Não obstante, subsiste um problema formal. Sendo verdade que, em certas condições, podemos chegar às magnitudes dos preços de produção de Marx, partindo não da grandeza do valor dos seus insumos, mas de suas quantidades físicas, para que necessitaríamos do valor?

Em primeiro lugar devemos considerar que é condição necessária que a magnitude do preço de produção do volume total do produto seja igual à magnitude do valor total. Em outras palavras, é indispensável que, no sistema de equações da transformação, a equação que falta seja $W_t = P P_t$ (onde W_t = Valor total e $P P_t$ = Preço de produção total) e não a que determinaria o padrão de medida dos preços relativos. Assim, a magnitude do valor é indispensável para a determinação quantitativa do preço de produção.

Isso, no entanto, não satisfaria os discípulos do pensamento neoclássico ou do neo-ricardiano. Quando pensam a teoria do valor, sua preocupação é a determinação do nível dos preços. Se podem chegar diretamente à determinação desse nível, para que serve o valor de Marx ou o seu preço de produção? Nisso eles têm toda razão. Estão errados, no entanto, em atribuir a Marx a mesma intenção; a preocupação deste autor não é o nível dos preços, mas a natureza da riqueza, do lucro, a distribuição da mais valia entre os capitais.

Concluir então que o conceito marxista de valor ou de preço de produção nada pode contribuir para a teoria neoclássica ou neo-ricardiana dos preços,

não é nenhuma novidade. Napoleoni, não tem o menor constrangimento em concluir:

“Fica assim confirmado o que havíamos dito, isto é, que, embora o resultado *sraffiano* seja inevitável, ele consiste na supressão ou na negação do problema (da transformação, RC), e não na sua solução” (NAPOLEONI, 1977, pp. 171 e 172). Ou então Benetti:

“Seguindo as indicações de Marx, efetuamos as correções necessárias e o resultado foi um esquema no qual o problema da transformação fica, pura e simplesmente, eliminado: em lugar de transformar os valores em preços, o esquema obtido determina os preços independentemente dos valores” (BENETTI, 1975, p. 195).⁽⁹⁾

Que curioso procedimento! Parte-se de uma teoria cujo objetivo é a determinação do nível de preços, na qual o valor marxista, como natureza da riqueza capitalista, nada tem a fazer. A negação do valor é ponto de partida teórico. Depois de muita discussão, esquemas formais e argumentos, declara-se haver encontrado a demonstração de que o valor não existe. A tautologia talvez não seja tão evidente porque a discussão foi longa e tortuosa.

Finalmente, é necessário esclarecer um outro equívoco. Para Marx, a validação de sua teoria do valor não está, nem nunca esteve, na transformação em preço de produção.

Napoleoni, referindo-se à determinação dos preços de produção, afirma:

“Por outro lado, para que este processo se relacione com o problema de Marx, é necessária uma condição, que os dados de que se parte para determinar simultaneamente os preços e a taxa de lucro sejam ainda os valores das mercadorias, e o sejam de um modo essencial, isto é, no sentido de que só com aqueles dados seja possível a determinação dos preços e da taxa de lucros” (NAPOLEONI, 1977, pp. 91 e 92).

Em outras palavras, segundo o autor, para que fosse aceitável o conceito de valor de Marx, seria indispensável que, para chegar-se à determinação da magnitude do preço de produção, o único ponto de partida fosse a magnitude do valor. Isso significa que a transformação seria a prova de validação científica para o valor.

Mas isso não é correto. Não é verdade que, para Marx, a transformação seja a prova necessária de

que riqueza capitalista é valor e de que este é cristalização de trabalho humano abstrato. O necessário em sua teoria é que, descoberto o conceito de valor, demonstremos ser capazes de, com ele, compreender a realidade aparente: por exemplo, a forma de distribuição da mais valia total produzida, entre os diferentes capitais.

De certa maneira, Napoleoni retoma ali um tipo de questão já assinalada por Böhm-Bawerk, quando este adverte para o fato de, além do trabalho, existirem outras dimensões comuns em duas mercadorias que se igualam no mercado: por exemplo, a utilidade de ambas. Como se Marx quisesse demonstrar a realidade do valor pelo mero argumento formal de ser o trabalho o único de comum nas mercadorias!

Além disso, as palavras de Napoleoni são suficientes para que cheguemos à conclusão de que, sua preocupação ao pensar a teoria do valor, não vai além da mera determinação quantitativa dos preços.

O paradoxo da desigualdade dos iguais (ou de como é possível que uma coisa sendo exatamente igual à outra, por isso mesmo deva ser diferente)

Na transformação dos valores em preços de produção, em Marx, quando é também transformado o valor dos insumos, chega-se a um resultado indiscutível: a impossibilidade de que se obtenham simultaneamente as duas identidades fundamentais (salvo quando a composição orgânica do setor 3 for igual a média): valor total = preço de produção total e mais valia total = lucro total.

Em relação a esse fato, Benetti sustenta que isso não tem maior significação para a teoria de Marx:

“Durante muito tempo (e em alguns casos inclusive agora) considerou-se que a validade da teoria marxista do valor e da mais valia estava unida à obtenção dessas duas igualdades quantitativas. Pois bem, não me parece que tenham a significação que geralmente lhes é atribuída” (BENETTI, 1975, p. 189). Seu argumento tem duas partes.

Na primeira, considera o esquema de transformação incompleto de Marx, no qual os insumos continuam a ser calculados em valor. Nesse caso, a ocorrência das duas identidades fundamentais, de maneira simultânea, é automática. No entanto, afirma que tal resultado é irrelevante pois só é alcançado por ser ponto de partida formal do es-

queima. Na verdade, não seria resultado formal da transformação, mas simples postulado inicial:

"Vemos pois que, mesmo no caso de que o esquema de Marx fosse correto, essas duas igualdades quantitativas não teriam a significação que geralmente se lhes atribui, uma vez que se postulam a priori e não são obtidas como resultados da transformação dos valores em preços" (BENETTI, 1975, p. 189).

Na segunda parte do seu argumento, considera o esquema de transformação completo, isto é, onde também o valor dos insumos é transformado, e conclui corretamente que a obtenção das duas igualdades depende de circunstâncias especiais, não tendo, as mesmas, validade geral⁽¹⁰⁾. Termina afirmando:

"(...) em nenhum caso podem ser interpretadas (as igualdades, RC) como elementos suscetíveis de confirmar ou invalidar a teoria marxista do valor.

"Podemos concluir, portanto, que toda argumentação em favor ou contrária à teoria marxista que se sustente sobre tais bases é, na realidade, inconsistente" (BENETTI, 1975, p. 190).

Ao contrário, estamos convencidos de que, estritamente dentro do campo conceitual de Marx, as duas identidades são fundamentais e se não podem ocorrer de maneira simultânea, não apenas de modo circunstancial mas com validade geral, as bases da teoria do valor de Marx não se sustentariam. Existindo a impossibilidade formal de resultarem, ambas, da transformação completa, ou encontramos uma explicação para o problema, ou não teríamos outra saída senão abandonar o conceito de valor tal como o desenvolveu Marx. Apresentemos então nossos argumentos.

É necessário remover um equívoco inicial de Benetti. As duas identidades fundamentais não são colocadas arbitrariamente como postulados formais, a priori, no esquema de transformação. Trata-se de determinações teóricas essenciais, ligadas à própria conceituação de preço de produção e de lucro.

Em Marx, o preço de produção não é, como vimos, um preço relativo ou um simples valor-de-troca. É um valor transformado, isto é, a magnitude de valor apropriável pelo produtor (na venda da mercadoria) nas condições de uniformidade da taxa de lucro. Assim, se a magnitude do valor é menor que a do preço de produção (ou vice-versa) o capital

produtor daquela mercadoria, na venda, apropria-se de mais (menos) valor do que produziu. Se um capital apropria-se de mais valor é porque outro apropria-se de menos (e na mesma magnitude), de maneira que a soma das transferências de valor, no conjunto dos capitais (portanto, no produto total) é igual a zero. Nessas condições, não é que o preço de produção total seja, em magnitude, igual ao valor total; ele é idêntico ao valor.

Benetti não deveria sustentar a irrelevância da igualdade preço de produção total e valor total. Estaria obrigado a negar que ela pudesse existir pois para ele, o preço de produção é um preço relativo a um valor-de-troca, e sua medida é uma certa quantidade de um bem particular. Em caso contrário, seria obrigado a identificar (ou melhor, confundir) valor com valor-de-troca.

Vejamos agora a outra identidade. Para Marx o lucro não é mais que a própria mais valia repartida de maneira diferente. Um capital que produziu certa magnitude de mais valia, receberá uma quantidade maior ou menor segundo, no caso do preço de produção, sua composição orgânica. Se recebe como lucro um valor superior à mais valia que produziu, é porque outro capital está recebendo menos. No total, a soma das diferenças será igual a zero. Isso significa não que o lucro total seja igual à mais valia total produzida; ele é idêntico à mais valia em grandeza e conteúdo teórico⁽¹¹⁾.

Por isso é que afirmávamos anteriormente que as duas identidades são teoricamente essenciais. Sendo assim, o resultado formal da transformação aparentemente deveria assegurar as igualdades numéricas simultaneamente: valor total = preço de produção total e mais valia total = lucro total. Não o faz. Tratemos de entender a questão.

O esquema de "transformação" que é compatível com a teoria do valor de Marx adiciona, ao sistema de equações, a seguinte: $Wt = PPt$, onde Wt = valor total e PPt = preço de produção total. Dessa maneira, como as duas identidades não são possíveis simultaneamente, resultará que a medida da mais valia e a do lucro serão desiguais (ambas em horas de trabalho).

Analisemos agora o que é, na verdade, a magnitude da mais valia. Ela representa, em valor, o conjunto das mercadorias produzidas como excedente, isto é, o sobreproduto. Como qualquer outro conjunto de mercadorias, além de valor, o sobreproduto

possui também seu preço de produção, com magnitude determinada. Salvo quando a composição orgânica do setor 3 seja igual à média, a magnitude do valor do sobreproduto e a de seu preço de produção não serão iguais.

O lucro e também o lucro total, resultantes da transformação, aparecerão medidos em preços de produção. Por isso, a medida do lucro total será diferente da medida da mais valia, apesar de que aquele não é mais que esta repartida de maneira diversa. Essa diferença expressa o fato de que a magnitude do valor e a do preço de produção do sobreproduto são diferentes; trata-se da bidimensionalidade das mercadorias.

Mas também poderemos perguntar qual é a magnitude do valor do lucro total; é óbvio que a resposta é que ela é igual a mais valia.

Uma vez que o lucro total, obtido na transformação, aparece obviamente medido em preço de produção, e pelo fato de ser igual, idêntico à mais valia, suas medidas devem ser necessariamente diferentes. A medida da mais valia aparece em valor, não em preço de produção.

A mais valia apropriada pelos capitais, em cada um dos setores, sob a forma de lucro médio, pode ser medida por sua magnitude de valor ou por sua magnitude de preço de produção. Essas medidas, apesar de realizarem-se na mesma unidade (a hora de trabalho), são diferentes, mas são medidas da mesma coisa. E isso é absolutamente coerente com a teoria marxista; trata-se do paradoxo da desigualdade dos iguais, agora perfeitamente compreensível.

Marx não afirma que o lucro total apropriado tenha a mesma medida que a mais valia total produzida. O que é importante na sua teoria é que a mais valia produzida pelo capital total seja a mesma da qual se apropriam os capitais, sob a forma de lucro.

Aqueles que exigem a igualdade de medidas dos dois conceitos, sob pena de considerarem destruídas as bases da teoria marxista do valor, o que querem, na verdade, é que o comprimento e a largura de uma mesa retangular, sejam iguais. Eles são diferentes (2,00m e 0,80m, por exemplo) apesar de que se trata da mesma mesa e utiliza-se, em ambas medidas, como unidade, o metro.

Para medir qualquer coisa, antes de tudo, é necessário determinar dimensões, atribuir conceitos

mensuráveis; no caso da mesa: comprimento, largura, altura, peso, etc.. Só então podemos escolher unidades de medida adequadas (metro, quilograma, etc.). No caso da mercadoria: valor, preço de produção (unidade de medida: hora de trabalho), etc.

Nossa explicação sobre o paradoxo da desigualdade dos iguais, desenvolvida na verdade em trabalho anterior⁽¹²⁾ e agora só lembrada, talvez encontre em Gontijo seu mais próximo aliado:

“Para se responder a essa objeção (ausência de identidade entre mais valia e lucro total), basta recordar que, embora quantitativamente a mais valia total e o lucro total diferem, ambos coincidem em termos físicos, representando o mesmo vetor de produtos ‘excedentes’. ... De fato, a pergunta que deve ser feita a nível da essência é sobre quanto custa esse excedente físico para os trabalhadores. Evidentemente, o único custo para os operários é o dispêndio em trabalho, e este está medido através da mais valia. Já a pergunta que se faz a nível fenomênico é outra e admite outra resposta, pois a este nível o custo do excedente coincide com o dispêndio dos capitalistas em termos de insumo e de força de trabalho. Desse modo, não há coincidência quantitativa entre mais valia e lucro porque ambos estão medidos e significam coisas diferentes (porque retratam a mesma coisa em esferas diferentes)” (GONTIJO, 1989, p. 95).

Acredito que nossas posições sobre a problemática referida são muito próximas. Talvez a forma de pensar o assunto, destacando a bidimensionalidade da mercadoria e esclarecendo com precisão a natureza do preço de produção e sua relação teórica com o valor, na forma como procuramos mostrar aqui, seja mais radical e definitiva. O debate com os críticos de origem ricardiana ou neoclássica talvez só continue em razão da dificuldade e complexidade do problema, da incapacidade do pensamento formal em alcançar a profundidade da dialética⁽¹³⁾ e de nossa limitação para expressar adequadamente os termos da explicação.

Palavras Finais (ou de como a insegurança sobre o resultado final do jogo, pretende aparecer como neutralidade teórica)

Sem dúvida nenhuma toda a crítica à teoria do valor de Marx, todas as tentativas de mostrar suas supostas incoerências ou equívocos têm um alvo

particular e especial: o conceito de mais valia, isto é, a natureza do lucro, o conceito de exploração. A teoria da mais valia de Marx implica no fato de que o antagonismo das classes é o conteúdo da própria lógica do regime capitalista de produção e que a superação de suas contradições só pode ser alcançada com a sua destruição, com a radical transformação da maneira em que a sociedade está organizada. Nenhuma alteração dentro do funcionamento do capitalismo pode mudar seu caráter antagônico. É, na verdade, uma conclusão difícil de satisfazer certos grupos sociais. Assim, a discussão sobre teoria do valor, além de teórica, é política.

Napoleoni, sentindo-se incapaz de apresentar uma concepção alternativa para a natureza do excedente capitalista, pergunta-se:

"(...) a ignorância em que permanecemos relativamente à origem e, portanto, à natureza de um fato como o sobreproduto, que, por outro lado, é o pressuposto fundamental do problema que se pretende resolver, o da formação dos preços, não aconselha talvez a tomar para com este problema uma atitude mais 'neutra' ou 'menos comprometedora', que é justamente a de Sraffa, em comparação com a de quem anda á procura de 'caminhos óptimos' dentro de um território que não se sabe bem o que é? É possível que a resposta deva ser positiva; (...)" (NAPOLEONI, 1977, p. 177).

Não terá, o Sr. Napoleoni, a mesma atitude em relação ao capitalismo? Ele se perguntará: nossa ignorância sobre as relações sociais, sobre a sociedade capitalista, não aconselha talvez a tomar uma atitude mais neutra ou menos comprometedora, que é justamente a dos que imploram pela humanização do capitalismo? É possível, diria ele, que a resposta deva ser positiva e, então, lutaremos não contra o capitalismo nem contra o capitalismo Selvagem, mas contra o selvagem no capitalismo.

O Sr. Napoleoni confunde dois conceitos: o de neutralidade e o de equidistância das classes antagônicas. A confusão tem pelo menos a vantagem de, no final do jogo, permitir o aplauso público àquela que for a vencedora. Mas ela poderá não aceitar muito bem tal atitude.

Bibliografia

- BENETTI, Carlo (1975). *Valor y Distribución*. Editorial Saltés, Madrid, 1978.
- CARCANHOLO, R. (1988). Crítica a idéia do valor fugaz: a propósito do valor da força de trabalho. In: *Revista Raízes*. Mestrados em Economia e Sociologia - UFPB. Campina Grande,

março de 1988. n.º 06. pp. 19 a 32.

- CARCANHOLO, R. (1982). *Dialéctica de la Mercancía y Teoría del Valor*. EDUCA. San José, 1982.
- GAREGNANI, P. et alli (1978). *Debate sobre la Teoría Marxista del Valor*. Cuadernos de Pasado y Presente n.º 82. Ed. Siglo XXI, México, 1979.
- GONTIJO, Cláudio (1989). A epistemologia da transformação - uma crítica ao neo-ricardianismo. In: *Revista de Economia Política*, vol. 9, n.º 3, jul/set 1989. pp. 84 a 103.
- LOPEZ D., Pedro (Org) (1983). *El Capital, Teoría, Estructura y Método* (4.º volumen). Ediciones de Cultura Popular / División de Estudios de Postgrado de la Facultad de Economía, UNAM. México, dezembro de 1983.
- MARX, K. (1867). *O Capital*. Civilização Brasileira 6.ª ed., Rio, 1980. L. 1, Vol 1.
- MARX, K. (1867a). *O Capital*. Difel. 7.ª ed., Rio de Janeiro, 1982. L. 1, Vol. 2.
- MARX, K. (1894). *O Capital*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1982. L. 2, Vol. 3.
- MARX, K. (1894). *O Capital*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1982. L. 3, Vol. 4, 5 e 6.
- NAPOLEONI, Cláudio (1977). *O Valor na Ciência Econômica*. Editorial Presença / Martins Fontes., Lisboa, 1980.
- OLIVEIRA, Fabrício A. (1983). O valor em Marx e a falácia de Garegnani. In: *Revista de Economia Política*, vol. 3, n.º 3, jul/set 1983. pp. 55 a 69.
- POSSAS, Mário Luiz (1982). Valor, preço e concorrência: não é necessário recomençar tudo desde o início. In: *Revista de Economia Política*, vol. 2, n.º 4, out/dez 1982. pp. 71 a 110.
- STEEDMAN, I. (1977). *Marx, Sraffa y el problema de la transformación*. México, FCE, 1985. (Título original: Marx after Sraffa).

ABSTRACT

Este artigo mostra que, para Marx, o preço de produção não é um preço relativo mas expressa a magnitude do valor apropriável pela mercadoria, na circulação, em condições de uniformidade das taxas de lucro. Discute algumas questões relevantes sobre a transformação dos valores em preços de produção, entre elas o que chama de paradoxo da desigualdade dos iguais: a impossibilidade de que a magnitude da mais valia total seja igual à grandeza do lucro total, apesar de que ambos sejam, em substância, a mesma coisa. A explicação do paradoxo é encontrada na bidimensionalidade da mercadoria, impossível de ser entendida pela perspectiva ricardiana ou neoclássica.

ABSTRACT

This article explains that the production price, according to Marx, is not a relative price, but instead expresses the potencial quantity of a certain commodity, appropriated in the circulation, if the profit rate is the same. It also brings into discussion important questions related to the transformation of values into production prices, among them what is named the paradox of the inequality of the equals: the impossibility that the total surplus value is equal to the total profit, in spite of both being the same in essence. The explanation given to this paradox is found in the double character of the commodity, wich cannot be understood through the Ricardian or Neoclassic approach.

¹ Cf., por exemplo, POSSAS, 1982, p. 87. Outras questões, também consideradas importantes, como por exemplo a produção conjunta serão deixadas para outra oportunidade.

² POSSAS, 1982, p. 87.

³ Cf. MARX, 1867, cap. IV, p. 174 e também MARX, 1893, cap. 4, p. 107 a 109. Trata-se do que chamamos substantivação do valor (Cf. CARCANHOLO, 1988).

⁴ Para melhor ilustrar o assunto, poderíamos pensar um objeto mais simples que a mercadoria, uma mesa por exemplo. Como posso associar a ela uma determinada medida de grandeza? Antes de mais nada devo atribuir-lhe um conceito que possua, por definição, dimensão quantitativa. Na verdade posso atribuir-lhe diferentes conceitos adequados (não arbitrários) que me permitem ter idéia de sua magnitude: altura, comprimento e largura de sua superfície horizontal, área da mesma, etc. Na verdade, a cada uma dessas dimensões (ou conceitos atribuídos à mesa) corresponde um número real que permite distingui-la ou compará-la com outras.

⁵ Outras dimensões são normalmente associadas às mercadorias como, por exemplo, peso, volume, pH, etc.; todas as indicadas são mensuráveis, mas não relevantes para o que estamos discutindo.

⁶ "Assim, as configurações do capital desenvolvidas neste livro (livro 3, RC) abeiraram-se gradualmente da forma em que aparecem na superfície da sociedade, na interação dos diversos capitais, na concorrência e ainda na consciência normal dos próprios agentes da produção." MARX, 1894, V. 4, cap. 1, p. 30.

⁷ Para sermos rigorosos deveríamos agregar que é o valor apropriável, na forma de uma mercadoria produzida em condições médias.

⁸ Cf. BENNETTI, 1975, p. 153.

⁹ Benetti fala apropriadamente de preço e não de preço de produção; de todas maneiras o atribui a Marx.

¹⁰ Cf. BENNETTI, 1975, pp. 189 e 190.

¹¹ Até certo ponto, pois, conceitualmente, existe uma diferença entre lucro e mais valia: aquele é a mais valia quando mistifica, nega sua própria origem.

¹² Cf. CARCANHOLO, 1982, pp. 116 a 118.

¹³ O próprio Marx já dizia que a complexidade da mistificação, do "alheamento" entre a essência e a aparência, especificamente no que se refere à mais valia e ao lucro, limitam a capacidade de compreensão não somente do empresário, mas até do próprio economista (Cf. MARX, 1894, cap. I e II). Aliás, eles não sofrem com isso; ao contrário, só assim podem desfrutar de uma consciência tranqüila.